

WLADIMIR OLIVIER

DOZE DÚZIAS DE SONETOS

ESPÍRITOS DIVERSOS

1. Avançando devagar

Desligo-me da dor por um momento
E venho aqui ditar esta poesia.
Não posso transcrever minha alegria,
Mas posso denunciar meu sofrimento.

Por isso é que o poema não traria
Uma lição de vida, um pensamento
De muito gabarito, pois enfrento
As restrições do espírito que cria.

Tivesse a inteligência esclarecida
A ponto de saber como, na vida,
Se passa para um círculo melhor,

Viria humildemente assinalar
Que tudo que se faz dentro do lar,
Se feito com amor, é bem maior.

2. Realista e reflexivo

Respeito o companheiro que trabalha
Para tornar o texto mais humano.
Não quero aqui induzi-lo a triste engano,
Mas devo assinalar que o vate falha.

O tema destes versos, que engalano
Com fogos de artifício, amor espalha;
Mas não será tão só fogo de palha,
Pois vou desenvolver o meu tutano.

Na senda do destino que hoje traço,
Encontrarei a dor da frustração?
Por certo, ao conquistar o meu espaço,

Terei de confrontar-me co'a ilusão
De que estarei melhor a cada passo,
Enquanto quero o aplauso desse irmão...

3. Relativamente feliz

Entrego-me ao prazer de humilde rima,
Embora responsável pela forma:
É que, ao seguir meu texto a boa norma,
Não sei se vou mostrar-lhes minha estima.

Na Terra, um dia, eu vi que se transforma
A ideia do que seja uma obra-prima:
Quando algum escritor muito se anima,
A crítica propõe-lhe uma reforma.

Conforme cresce o amor, se aumenta a crença,
Assim, o meu esforço se compensa
Na própria trova que termino agora.

Bem sei que vou malhar em ferro frio,
Porém, hei de vencer, em tendo brio,
Porquanto de alegria o vate chora...

4. A importância de quem voa

Preciso contemplar o meu leitor
Com versos mais perfeitos, mais amigos.
Eu sei que vou correr grandes perigos,
Mas vou vencer o mal, vencendo a dor.

A galha, quando grasna em meio aos trigos,
Pensa emitir um som superior;
Assim, este poeta vem compor,
Julgando que hoje o faz como os antigos.

Pedir perdão o corvo não cogita,
Porém, meu coração aqui se agita,
Sabendo o versejar muito importante,

Não tanto por trazer, no conteúdo,
A chave do mistério disso tudo,
Mas por causar tremores neste instante.

5. Com as asas cortadas

As aves, quando voam pelo céu,
Procuram evitar os encontrões.
Libertos dessa carne dos grilhões,
Os vates não compõem seu texto ao léu.

Evitam, certamente, os tais senões
De levantar dos erros o seu véu,
Pois ofender o povo, em vil labéu,
Reavivaria os tempos dos sermões.

Mas como aqui falar de modo nobre,
Sem motivar a rima com seu dobre
De sons profundos, graves, cavernosos?!...

Em sendo alegre o texto, o povo gosta,
Mas a doutrina assim não fica exposta
Com o rigor das normas para os gozos.

6. Desejo de comover

Refleta, caro amigo, nesta ideia,
E diga ao coração para aceitar,
Se for para colher, dentro do lar,
O mel da compreensão, doce colmeia.

Ocorre que não sei só solfejar,
Mas posso equivocar minha assembleia,
Dizendo para rir, se a melopeia
For triste, a contragosto, e lamentar.

Então, irei pedir que o gajo reze,
Rogando por mais luz para o poeta
Que sofre o tal sufoco desta rima.

O bom sempre é pedir que se reveze
A turma que verseja, já que veta
Aquele que compõe sem nobre estima.

7. Tendência universal

Ao receber notícia alvissareira,
Sorria a bom sorrir, de coração,
Porquanto os sentimentos sei que irão
Ganhar melhor impulso; e amor requeira.

Os outros, ao saberem, quererão
Estar também felizes, nessa feira
De bênçãos e de luz, que a turma inteira
E mais os bons leitores gozarão.

Assim, vou enturmando-me no verso,
Deixando o tempo em que fui perverso
Distante na inconsciência do passado.

O esquecimento é bom quando se dá
Do mal que se viveu e voltará,
Se o bem eu rejeitar desanimado.

8. Em nome da experiência

O meu poema crio quando repouso,
Portanto, ao vir ditar, está composto.
Assim, o companheiro deste posto
Não deve de estranhar se muito ousou.

Talvez eu não demonstre um fino gosto,
Mas quando estive preso em rude pouso,
Pensei: *Agora sei por que me enlousou:*
São crimes que me tornam vil encosto.

Por isso, este apetite desmedido,
Que já não me contenta, quando agrido,
Com luvas de pelica, os oponentes.

Peço perdão agora e fico teso,
Lembrando os tempos em que estive preso,
A lucubrar poemas descontentes.

9. Coisa bem simples

Não fique, bom amigo, muito bravo,
Se o tema do soneto não lhe agrada.
P'ra nós, aqui ficar sem fazer nada
É bem pior do que trabalho escravo.

A rima, ao vir ditar, foi aprovada,
Então, fico contente e o verso gravo,
Ainda que mal feito, em alinhavo,
Que o bom é trabalhar, se o gajo enfada.

Atritos, compromissos, tudo, enfim,
Que possa aqui prender-me ao meu passado
Eu vou deixando atrás, por ser ruim.

Mas, quando estou do médium bem ao lado,
Esqueço-me dos dramas e de mim,
Buscando ver meu texto abençoado.

10. Como se corrói o fígado

Reajo muito mal, caso não tenha
A rima mais perfeita p'ro meu verso.
Bem sei que o sentimento é mui perverso,
Mas devo de aceitar a voz roufenha.

Porém, se estou em paz, eu fico imerso
No fundo da consciência, que resenha
Os termos que é melhor que ela mantenha
Distantes do poema que alicerço.

Assim, eu seleciono a melhor rima
Conforme o tema e dou-lhe o meu aval,
Sempre pedindo ao médium, que me anima,

Um termo diferente ao meu normal.
É claro que está longe de obra-prima,
Mas me afigura o estado natural.

11. Lidando com a alma

Espero com paciência a minha vez
De vir ditar meu texto e, embevecido,
Vou vendo quanto é bom, mas já duvido
Que não me escape um termo mais soez.

Por isso é que reclamo, estarecido,
Do próprio desempenho: a solidez
De todos os estudos que já fez
O grupo não garante um bom sentido.

Confesso este problema, sem vergonha,
Que a perfeição dos bons paira a distância
De minha humilde esfera, tão tristonha.

Assim, quando termino, já sem ânsia,
Anoto os vis senões e a mente sonha
Em corrigir dos versos a assonância.

12. Vala comum

Restauro o compromisso da poesia
Que abandonei na Terra em minha vida;
Agora, o meu espírito já lida
Com temas mais profundos, e confia.

Se o mestre o meu rascunho convalida,
Eu fico satisfeito, mesmo em fria,
Porquanto a rima é pobre e não se guia
Pelo entusiasmo ardente que a convida.

No entanto, se transponho para o verso
Um tema em que meu ser se acha imerso,
Requeiro compreensão ao meu leitor.

Se a trova não for boa, me perdoe,
Pedindo a Jesus Cristo que abençoe
A gente que verseja com amor.

13. Conversa aberta com o coração

Percorro cada estrofe dos colegas
E vejo quão mambembes são as minhas:
É como quando tu já te avizinhas
Da crítica feroz que a mim não negas.

Os pobres que versejam nas quadrinhas
Não têm o mesmo alento, quando cegas
Se mostram nossas rimas e as carregas,
Ó coração, de rústicas gavinhas.

Por isso, este soneto arrevesado,
Impróprio para o estímulo da fé,
Que o ser humano sente desagrado

Ao ver a imperfeição quanta que é,
Pois tu, a desfazer cada recado,
Não sabes quanto dói teu pontapé.

14. Chegando junto

Instalo-me no médium que me ajuda,
Passando-lhe o produto do trabalho.
Às vezes, vou além, quando não falho,
Momento em que a poesia ele não muda.

Agora está dizendo que agasalho
Ideias que confundem quem estuda
Os fundamentos nobres — Oh! Caluda,
Meu coração perverso de espantalho!

Estando a refletir sobre o soneto,
Propus ao mestre amigo uma reforma,
Segundo os bons preceitos desta norma:

Caso o ofendido veja o quanto é preto
O seu destino após inútil vida,
Que pense na escansão como guarida.

15. Maltratando o *ego*

É bom quando nos tratam com clemência,
Dizendo que as poesias são de agrado,
Porém, não acredito, do meu lado,
Nas intenções, pois falta-me paciência.

Credito esse conceito entusiasmado
Àqueles que não têm muita ciência:
É próprio refletir a insuficiência
Que deve elogiar, no entanto enfado.

A hipocrisia, sim, é condenável
E não seria eu irresponsável
De vir trazer palavras de conforto,

Sabendo quanto é pobre a minha rima,
Que deve estimular somente estima,
Porque se sabe estar o vate morto.

16. Memento colorido

Navego pela trova encapelada,
Vencendo a violência da poesia,
Pois o meu sentimento desvaria
E tudo o que resulta é quase nada.

O bom leitor reflete, todavia,
E vê tal armadilha preparada,
Que o tema que proponho desagrada,
Bem longe de trazer sabedoria.

Em busca de equilíbrio, peço em prece
Que o Pai nos abençoe a todos nós,
Pois todo o povo agora lhe agradece,

Erguendo em doce canto a sua voz;
Jesus, abrindo os braços, favorece,
Chegando os bons espíritos após.

17. Mudando o rumo

Restauro o meu projeto da poesia,
Compondo os mesmos temas dos colegas.
Insisto, ó coração, pois tu renegas
Os gozos com que o vate se aprazia.

Não chego, como antes, tão às cegas,
Porquanto ostento já sabedoria,
Para deixar de lado o que daria
Apenas a ilusão destas refregas.

Eu ajo com firmeza e mesmo tino,
Porquanto este soneto hoje termino
Orando com fervor e devoção,

Pedindo a Jesus Cristo que abençoe
O povo que me lê, e que perdoe
As dúvidas cruéis de cada irmão.

18. Cumpro o meu papel

Entrego-me ao trabalho bem disposto,
Querendo completar minha poesia.
Ao menos, vou sentindo esta alegria
De ver exposta a forma de meu gosto,

Alegre mas atento, pois se alia
Um sentimento amargo, neste posto,
Do tanto de fracassos rosto a rosto
De que meu coração já desconfia.

Segredos do poeta se revelam
Nas frases que compõe com muito estudo,
Sabendo que por ele sempre zelam

Os mestres que o corrigem, sem, contudo,
Dizer-lhe p'ra que pare, pois protelam
A hora de acertar o conteúdo.

19. Sem saber como dizer

Sistema que combina vários sons,
O meu soneto emperra quando em vez.
Que falta hoje me faz o português,
Pois lembro-me de versos muito bons.

O pobre que me ajuda jamais fez
Um texto tão mesquinho nestes tons,
Mas vai levando a trova, pois seus dons
Me servem a contento na escassez.

Depois de imaginar a melhor rima,
Concentro-me em mostrar a minha estima
Por quantos encontrei na curta vida.

No etéreo, surge a dúvida da esfinge,
Contudo, a prece em luz logo me atinge
E a todos peço a Deus que o bem divida.

20. O futuro de todos

Paisagens cá no etéreo já não vejo
Com olhos de poeta, que amofino
Diante de um passado pequenino,
Em que menosprezei tudo, sem pejo.

Agora o que me intriga é o descortino
Do sofrimento alheio, que desejo
Atenuar, se posso, benfazejo,
Ao preparar as linhas do destino.

Já que escolher me dá o meu progresso,
Pretendo pôr na trova o bom caminho
Que devo percorrer, enquanto meço,

As sílabas do verso que acarinho.
A Deus que me abençoe agora eu peço,
E a todo o mundo dê seu melhor ninho.

21. Compenetrado e sisudo

Passado certo tempo cá no etéreo,
Eu volto a versejar nesta poesia.
Que fosse bem melhor é o que eu queria,
Porém, o meu transtorno é caso sério.

Ainda aqui me lembra a melodia
Que, estabanado, eu punha em despautério
De sons incontrolados, um mistério
De rituais macabros de afasia.

Agora é responsável o meu mestre
Por permitir lograr o pobre vate
Expor, de forma clara, o pensamento.

Se o tema de encarnado foi rupestre,
Não posso aqui levar um xeque-mate,
Que o tema vai mostrar como é que aguento.

22. Um passo adiante

Entrego-me ao trabalho com denodo,
Mas vejo-me por vezes limitado:
É quando do meu texto não me agrado,
Seja nas escansões, seja no todo.

Porém, quando reflito no meu lado,
Esfera onde trovar não move engodo,
Nos sentimentos maus eu passo o rodo
E levo ao fim o verso, entusiasmado.

Por isso é que reflito sobre a prece,
Examinando a fundo o meu problema,
Porque de amor minh'alma hoje carece.

Então, em vibrações sutis se extrema
Toda a emoção que sinto, e colho a messe
Que planto nesta rima em diadema.

23. Sabendo o que se quer

Não trago mais comigo a pretensão
De ver perfeita a rima do meu verso:
Sabendo o sentimento tão perverso,
Limito-me a rogar por seu perdão.

O tempo em que me vejo agora imerso
Promete ser de calma e compaixão.
Bem sei que o versejar não é em vão,
Se saio bem mais forte, e não disperso.

O triste é trabalhar inutilmente,
Caso o desejo seja oferecer
Lições de amor e vida a toda a gente.

O meu sucesso, então, vai depender
De quem for ler a trova bem contente,
Pois a doutrina é dom, não é dever.

24. Extraordinária visão do etéreo

Refaço o meu rascunho aqui na hora,
Se vejo que o soneto está mui feio:
A tradução é feita de permeio
E a novidade o texto, às vezes, gora.

Mas sempre o mestre aprova o doce enleio,
Porquanto o sentimento o vate explora,
Desenvolvendo a ideia que vigora
À época em que criou o bom anseio.

No caso desta rima, a conclusão
Que o meu leitor deve tirar do ensino
É que não vou jamais obrar em vão,

À vista deste assunto peregrino,
Original contexto sem desvão
Para esconder o mal que hoje abomino.

25. Bem a tempo

Não vou ficar contente se falhar
O meu ditado, agora que rimei
Um verso bonitinho quanto à lei
Que seguem os poetas do lugar.

Eu peço ao bom Jesus por minha grei,
Amigos e parentes doutro lar
Que aí deixei na Terra, a lamentar
O fato de partir. Como? Não sei.

Aqui cheguei um dia e fui detido
Nas barras de uma equipe socorrista
De um jeito que não lembro já ter sido.

Não pense o meu amigo que eu insista
Em dar-lhe um belo susto sem sentido:
Às vezes, a inconsciência é uma conquista.

26. Ó coração formoso

Preciso acompanhar os bons colegas,
Que trazem versos puros para o povo.
Às vezes, comparecem cá de novo
E mostram como estou hoje piegas.

Ao ascender no etéreo, um bom renovo
Se mostra alvissareiro, se navegas,
Ó coração formoso, nas refregas,
Saindo bem melhor desse corcovo.

Mais calejado em lutas pelo bem,
Tu vais nos regalar como ninguém,
Mostrando o teu valor mais aguerrido.

Nas rimas, todavia, o tema empaca,
De modo que a ruindade se destaca
E a gente chora o tempo já perdido.

27. A suprema virtude

Não nego o meu desejo de ditar
O mais lindo soneto que já fiz:
O de hoje passa perto, por um triz,
Merece estar naquele bom lugar.

É pobre, mesmo assim, porquanto eu quis
De mim e do poema vir falar;
No entanto, dentre os tantos do bazar,
Até que o resultado é bem feliz.

Não posso elogiar a própria obra,
Pois nunca morde o rabo a minha cobra,
Neste universo tolo da lembrança.

Eu fico a imaginar a melhor rima,
Aquela que o perdão louva e sublima,
Com caridade e fé, mais esperança.

28. Palavras oportunas

Não tema pelas coisas cá da Terra,
Matéria a desfazer-se e a recompor
As formas perecíveis mas sem dor,
Que o sentimento é mais de quem se aferra.

É lógico sentir alguém amor,
Porquanto a sua vida ali se encerra;
Precisa, além do mais, declarar guerra
A tudo quanto o fira, no que for.

Mas apegar-se à forma perecível
Não cabe a quem ganhou um certo nível
De descortino espírita no mundo.

É bom pensar em Deus a todo instante,
Para elevar a mente bem distante
Do fato material menos fecundo.

29. Sorria, irmão, sorria!

Anoto os pensamentos p'ra compor
O núcleo do meu texto de poesia:
Se tudo quanto faço é co'alegria,
O resultado é bom, superior.

Às vezes, estou triste e a nostalgia
Perturba a minha mente e vem propor
Apenas sons impróprios, sem valor,
A negação do ensino que eu traria.

— *É proibido, então, sofrer no etéreo?* —
Vão perguntar ao vate — *Que mistério,*
Se todo o povo sabe perdoar!

Ocorre que, na prece que elevamos,
Devem pender bons frutos destes ramos,
Que as bênçãos do Senhor banham meu lar...

30. Vencendo o mote

As bênçãos do Senhor eu lhes desejo
De todo o coração, em verso pobre.
Assim, quando soar da morte o dobre,
Vocês vão festejar o rico ensejo.

Mas devem ter a alma forte e nobre;
E nunca, neste caso, é de sobejo
O quanto de virtudes já prevejo:
Na condição da fé, não há que sobre.

Então a melhor forma que conheço,
Embora canse o verso repetido,
Às vezes, a causar sério tropeço,

Porquanto o enfado cresce se convidado
A ler tudo de novo do começo,
Para entender bem mais do que foi lido.

31. É preciso trabalhar

Falece-me a vontade de rimar,
À vista dos fracassos das refregas.
— *Ó coração* — eu digo —, *vê se entregas*
A vez para um cantor mais exemplar.

O resultado é pífio, mui piegas,
E as rimas vêm com sons de lastimar,
Mas eu não saio deste bom lugar,
Com fé na caridade dos colegas.

Meu mestre não permite que vacile
Na hora de ditar bem junto à mesa,
A ver se me melhora a amarga bile,

Dizendo: *O verso é escravo da beleza.*
Portanto, espero que seu dom cintile,
Iluminando a trova de surpresa.

32. Castigo sem dor

Intriga-me o fenômeno da mente
A receber os versos que lhe dito:
Misturam-se os refrões e fico aflito
Ao ver que a solução nem sempre é *quente*.

Alegro-me, porém, quando medito
Na consequência mais que permanente:
O senso de valor que causa à gente
A crítica do verso que concito.

Assim, vou progredindo na poesia,
Agindo com maior sabedoria,
Introjetando as emoções maiores.

Que vença o bom amigo esta estrutura
E veja a própria alma bem mais pura:
Seus dias ficarão muito melhores.

33. Fora de propósito

Navego pelos sites da Internet,
Em busca do sucesso da poesia.
Arrisco o meu palpite de alegria;
Responde-me a pesquisa com resset.

Aguardo um bom momento, todavia,
A dúvida que gera e compromete
A mente, que pleiteia por confete,
Me faz interromper a melodia.

Reflico sobre os méritos do texto,
Achando para ele certo cesto,
Ao pé da escrivaninha deste médium.

Deseja o meu amigo remendar,
Mas digo que aproveite este lugar
P'ra ministrar à alma o seu remédio.

34. Transformando o verbo

Não sinto esta poesia tão ruim,
Mas boa ela também não há de estar:
Quisera aqui compor algo exemplar
P'ra demonstrar que avanço, mesmo assim.

As ondas que recebo neste lar
São de felicidade e amor por mim.
Por isso eu regozijo e sei que vim
Trazer minha alegria, ao versejar.

Se tudo nesta vida se fizesse
Com mínimo de esforço e valentia,
A gente ia colher bem farta messe

De textos transbordantes de poesia.
Aceite, meu Jesus, a pobre prece
Do vate, que lhe pede que sorria.

35. Confusão existencial

Não digo que capricho ao compor versos,
Mas vejo se não ferem os leitores.
Também cá não borrifo várias cores,
Nem tons de cinza, tristes e perversos.

De que me adianta lamentar as dores
Que sinto transitar nos universos?!...
Os males se compreendem quando imersos
Estamos, cá no etéreo, em dons de amores.

Jesus pediu a Deus que perdoasse
Quem lhe tirava a vida no madeiro,
Exemplo superior de quem tem classe.

Por mim, eu concluía, mais matreiro,
Buscando na poesia um forte enlace,
Mostrando vir por último o primeiro.

36. Na esteira da prosa

Embora não saibamos o futuro,
Podemos esperar por reações:
Conforme a vida nos trouxer senões,
Vamos tornar o coração mais puro.

Não vim dizer aqui duros sermões,
A castigar quem jura estar seguro
De que não vai ficar lá sobre o muro,
Sem reagir com fé nem com razões.

A vida nos ensina a toda a hora,
Mostrando que quem riu agora chora,
Desesperando às vezes na desgraça.

É justo que a tristeza desanime,
Mas que se saiba sempre que é sublime
A dádiva da vida, que a dor passa.

37. Com censura e sem cesura

Não posso definir minha postura
Diante do sucesso dos parceiros.
Às vezes, vejam neles os primeiros:
Às vezes, vejo em mim a criatura.

Se os versos que componho vêm inteiros,
Não mostram meu trabalho em forma pura,
Pois tudo quanto invento o povo jura
Que devo aos mestres meus os mais matreiros.

Aos poucos, vou dizendo como penso
E como faço a trova em bom compasso.
Os mais sensíveis usam de seu lenço,

Que as lágrimas não caiam no regaço;
Aqui transformo a luz, a ver se venço,
A resistência alheia, e por cansaço...

38. A jato

Não vou desapontar o meu amigo,
Deixando de trazer um dia a trova:
O grupo quase sempre se renova
E o texto que preparo vem comigo.

É claro que não dou aquela sova
Que põe os versos todos de castigo,
Porém, fico contente quando digo
Que tenho ultrapassado a rude prova.

Espero que este exemplo dê o tom
Do compromisso sério que assumi:
Pretendo evoluir, crescendo o dom

Que tenho e vou deitando por aqui,
Porquanto o verso é belo, é rico, é bom,
Se vejo que o leitor se alegra e ri.

39. Ainda bem!

Não cunho esta moeda sem valor
Apenas p'ra mostrar o meu talento:
Se fosse depender deste momento,
Suspenderia a ideia de compor.

Talvez estas palavras um bom vento
As leve pelo espaço sem rancor,
E fique a minha trova superior
Apenas no registro que comento.

Perdão hei de pedir ao nobre amigo
Que segue no poema hoje comigo,
Como a esperar um brilho de mais luz.

Mas tão escuro eu venho e carrancudo
Que esqueço a melodia e não me escudo
Nas doces expressões do bom Jesus...

40. Esfuziante e teso

Primeiro, vim trazer o meu abraço
A quem deseja estar hoje comigo:
É sempre muito bom saber que abrigo
No coração amor sem descompasso.

Depois, devo calar meu inimigo,
Dizendo-lhe que tenho em meu regaço
A chave do perdão, que agora passo
Para abrir ele a porta sem perigo.

No fundo desta imagem que ofereço,
Situa-se a virtude mais amena,
Que tem também, embora, um alto preço.

Fiel ao meu esquema, se apequena
A tese que dispus lá no começo:
Resta a paz com que toco a pobre avena.

41. Promessa é dívida

Não quero exagerar meu sentimento;
Também não devo de omitir que sinto
Prazer enorme de ofertar um brinco,
Na forma augusta de um soneto atento.

Neste momento, o coração precinto
De formas belas, que a ilusão alento
De conseguir um verso lindo, isento
Dos males que causei, porque não minto.

Um dia, saberei expor com garra
A fórmula sagrada da virtude,
Em sons acompanhados de guitarra.

Espero que o meu texto logo mude,
Já que a mente agora se desgarrar,
Mantendo a imperfeição como atitude.

42. Esteja preso!

Não nego que pretendo ser brilhante,
Pois vale a pena vir com bom poema.
Mas não suporto a dor de ver que extrema
Esta ilusão o aborto mais flagrante.

Por isso, dificulto a forma e o tema,
Não tendo um bom parâmetro diante
Que possa copiar, como garante
O mestre que me assiste, caso trema.

Os bólidos passeiam pelo céu,
Iluminando a noite com faíscas.
De dia, o Sol em esplendor é véu

Que esconde a luz distante, mas tu piscas,
Ó coração malvado, e tornas réu
O espírito que afago e que confiscas.

43. Faça como eu!

Mais fácil é falar do que fazer;
Mais fácil é pedir do que ajudar;
Mais fácil viver fora que no lar;
Mais fácil é flandar do que o dever.

Assim, o vate mostra-se exemplar,
Pois põe no verso rude tal poder:
Não vem aqui cantar, mas espremer
A forma e o conteúdo em bom lagar.

Por isso, quando peço ao meu leitor
Que escreva lindos versos, com amor,
Seguindo os passos meus e o meu compasso,

Eu torno este soneto o seu exemplo,
E mostro o coração, como num templo,
A merecer do amigo um forte abraço...

44. Prepare-se, amigo!

Não posso compreender como é que fica
Por tanto tempo o irmão sem compromisso.
No etéreo, quem não tem um bom serviço
Estuda, ajuda, ampara e metrifica.

Por isso, este poeta tem mais viço,
Quando propõe um teste e ratifica
Os elementos todos da mais rica
Poesia que se fez... e que hoje atijo.

É claro que prometo muito mais,
Que evoluir é norma universal.
Um dia vou chegar, trazendo paz,

Pois não teremos já rancor nem mal.
Coloquem velas nestes castiçais:
A luz irá crescer do amor fanal.

45. Impositivo

Não venho p'ra causar mais dissabor
Àqueles que me tomam por parceiro,
Dizendo que cheguei aqui primeiro
E que, por isso, tenho mais valor.

Ao meu amigo em paz hoje requeiro
Que julgue este poema superior,
Não no sentido de aumentar o amor,
Mas como um exercício verdadeiro.

É que os poemas todos que aqui trago
Expressam sentimentos de candura,
Porém, sem um castigo nem afago,

Porque minh'alma sente-se insegura
Perante os que não gostam, quando indago
Se o coração bateu nesta leitura.

46. Mais que exercício

Não vou considerar esta jornada
A que culminará num belo texto.
Eu vou utilizar-me do pretexto,
Elaborando a rima que me agrada.

Mas como vou cumprir o meu arresto
Dos bens que semeei, um quase nada,
Se devo prometer que a desgarrada
Irá trazer ao povo um mote honesto?

Embora este soneto venha imerso
Em luzes de artifício, ele comprova
Que estou deixando já de ser perverso.

Eis como refleti antes da trova,
Querendo assimilar o melhor verso,
Que o bem do amor a prece hoje renova.

47. Presumindo o sentimento

*“Espero que o soneto esteja bom,
Ao gosto do auditório que me escuta.
Não vou falar de mim, não sou batuta,
Mas quero impressionar com este dom.”*

Assim reflete o amigo, a mente astuta,
A imaginar segredos no meu som:
Deseja compreender por que meu tom
Elege as tantas rimas que executa.

No fim, em permanente frustração,
Não nega que ofereço alguma luz,
Porém, sua tendência a dizer não

O leva a perceber que trago a cruz
Dos meus pecados, pobre coração
Que pede por perdão, que o mal seduz...

48. Ousadia insolente

Não quero impressionar o meu leitor
De sorte a provocar-lhe rejeição.
Por certo, muitos deles hoje vão
Tentar esta aventura de compor.

O tema é o rebuliço pela dor
De ver que os versos não se apoiarão
Em textos conhecidos, mas serão
Tão simples como é simples meu ardor.

O máximo que eu quero aqui deixar
É um elã feliz e benfazejo,
Trazendo esta alegria para o lar.

Aproveitando, pois, o nobre ensejo,
Eu peço p'ra Jesus abençoar
O povo quando atende ao meu desejo.

49. A bênção do entendimento

A múmia preservada lá no Egito
Podia ser de espírito perverso,
Não deste que lhes mostra um rude verso,
Que agora se embalsama no castigo.

Ressuscitar depois de estar imerso
Por tempo indefinido, em vil abrigo,
Não quero para mim, porque perigo
Perante um sentimento controverso.

Estando a meditar sobre esta forma,
Achei dever do vate interessar
O povo p'ra que cumpra a nobre norma

De respeitar a tese que o lugar
Não representa nada e se transforma
Em luz, quando se quer ser exemplar.

50. Crítica construtiva

Contenha-se, minh'alma, e se entorneça,
Que a brisa destes versos a sublima.
Por certo esta não é uma obra-prima,
Contudo, há de mexer, por ser travessa.

Não vou trazer à trova a melhor rima,
Embora até meu tema favoreça:
Ocorre que p'ra tal minha cabeça
Exige que eu arrisque a auto-estima.

Prefiro, então, sair pela tangente,
Mostrando ser esperto e mui ladino
Pois posso, sem esforço, humildemente,

Solicitar do povo o dom divino
De perdoar o vate; e que me aguento
Com esta chave de ouro que abomino.

51. Teoria dos sons

Amigo que me lê, tome cuidado,
Porquanto este poeta um pouco mente:
Às vezes, um sorriso transparente
Oculta um sofrimento, um desagrado;

Às vezes, a palavra descontente
Também contém, de fato, um vil enfado.
Venho dizer, no entanto, que não brado,
E que sussurro apenas, simplesmente.

As trovas que componho e que transmito
Não passam por censores mas parceiros
Que geram bons conselhos, caso, aflito,

Eu venha pespegar nos companheiros
O som agudo e bruto deste grito,
Apenas porque estão entre os primeiros.

52. Força íntima

Pareço condoer-me do leitor,
Ao lhe dizer que sinto ser tão feia
A trova que hoje teço e que me enleia,
Supondo possa ser superior?

Pois saiba, bom amigo, que falseia
O verso que estribilha esse valor:
Se quero uma obra-prima aqui compor,
Preciso copiar uma obra alheia.

Originalidade no meu verso
Vai redundar em ser muito perverso
O clima da poesia que me envolve.

Não tenho compromisso co'a beleza,
Porém, ao chegar junto a esta mesa,
Meu desejo de errar o amor dissolve.

53. Fantasmagoria

Recolho o material para o poema
Nas aulas a que assisto na Escolinha,
E logo o melhor tema burburinha
Inquieto, como fulcro do problema.

Talvez a rima, então, se dê mesquinha,
Porquanto o sentimento meu se extrema,
Causando pr'os leitores o dilema
De me aprovar o feio que me espinha.

Conseguirei vencer estes tercetos?
Se não vencer, é claro, o mal se oculta,
Pois tantos vão p'ro lixo vis sonetos.

Mas aprovei o texto e o mestre indulta
A forma desgraciosa, os esqueletos
Que assombram toda a gente inda insepulta.

54. Sem compartilhar

Não posso compreender como é que aguenta
Meu pobre coração tanta amargura:
Por mais que tenha paz, a dor não cura,
Porque minh'alma sofre e se impacienta.

Quisera desde logo a forma pura,
P'ra sublimar o medo que alimenta
As vibrações sutis que a rima inventa,
P'ra desperdício, sim, desta ventura.

Também não vou querer mentir aqui,
Dizendo que padeço o que sofri
Na Terra, enquanto a carne vigorava.

No etéreo, o compromisso é natural
E, se padeço ainda um grande mal,
É que meu coração o amor entrava.

55. Um dia eu chego lá

Serenamente, eu sigo pela estrada
Que leva aos bons domínios do Senhor.
Bem sei que, quando venho aqui compor,
Mantenho em minha mente a tal jornada.

No entanto, se meu verso é inferior,
Mostrando da alegria um quase nada,
Ocorre que o modelo desagrada;
Mas desenvolvo o tema com amor.

E não podia ser mui diferente,
Porquanto o meu estágio de indigente
Não passa de um projeto de existência,

Pois sei o quanto o Pai gosta de mim
E, por saber bem disso, é que hoje vim
Expôr minha emoção, com mais paciência.

56. Pretensão e água benta

Espero concentrar minha atenção
Nos versos que me inspira este momento.
Assim, não tenho tema, pois invento
A trova que lhes dou de supetão.

Eu sei que este improviso é meu alento,
Pois vai me conferir um bom refrão,
De que os leitores mais se agradarão,
Se compreenderem logo o sentimento.

Jesus, minha partilha, hoje poética,
Vai alcançar as almas do outro mundo
Que têm uma tendência mais ascética;

No entanto, o povo todo que eu contundo
Inspire por mais fácil dom da estética
E não por arremesso tão profundo...

57. Lavando a alma

Termino logo o verso e vou-me embora,
Sabendo ter cumprido o meu dever.
Talvez eu não encontre quem vá ler,
Mas tenho para mim que o bem vigora.

As vibrações que emito têm poder
E atingem corações a toda a hora,
Porém, não repercutem como outrora,
Causando mal-estar e mal-querer.

Se progredi no etéreo mais um pouco,
Eu devo aos mestres meus e seu ensino,
Os quais me confortaram quando, louco,

Eu provocava o mundo em desatino.
Deixei de aqui fazer ouvido mouco
E rogo ao bom leitor o amor divino.

58. Comentário oportuno

São tantos os poemas que ditamos
Que podem escolher nossos leitores
Aqueles que lhes dizem só de amores,
Abandonando os verdes em seus ramos.

Por isso, este daqui nossos mentores
Permitem que ditemos, mas não vamos
Manifestar desejos de reclamos,
Pois serve tão somente a seus autores.

Se vimos com frequência demonstrar
O estágio em que se encontra a nossa rima,
Acaba este utensílio no bazar

Em que se entulham trovas sem valor;
Mas vale requerer a sua estima,
Um pouco dessa prece e desse amor.

59. Confuso e abstrato

Notando que o poema claudicava,
Eu dei-lhe novo impulso e nova forma,
Pensando assim cumprir a melhor norma,
Abrindo a fechadura e a dura trava.

Mas, ao fechar a rima, a tal reforma
Iria demonstrar que a ideia entrava,
Quando se tem o arrojo e não a crava,
Pois deve-se prever que o mal deforma.

Exagerei nas rimas expressivas,
Deixando de imprimir ao pobre tema
Noções mais filosóficas, mais vivas.

Agora fico diante do problema,
Rogando que as pessoas criativas
Encontrem a equação do teorema.

60. Princípio geral

Não vou catalogar minhas poesias,
Pois sei que esquecerei uma por uma:
O enredo da existência não exuma
O que, ó coração, tu não recrias.

Pretendo evoluir, que o bem costuma
Propor ao ser vivente as alegrias
De ver que o mal eu venço, nestes dias
Em que minh'alma paira como pluma.

Mas deixo registrado o sentimento.
Porquanto o meu leitor, estando atento,
Irá pensar bem mais na própria vida.

Rogando ao Nazareno que me inspire,
Eu quero demonstrar que o bem que eu mire
Irá repercutir na minha lida.

61. A extensão do drama

Não quero extasiar-me pela rima
Que vou compondo agora em desperdício:
Eu trago inda comigo o grande vício
De requerer de todos sua estima.

Também não sou assim um estrupício
Nem quero, neste estágio, uma obra-prima,
Porque seria um texto que sublima
Os males, sem expurgo da malícia.

Ser imperfeito e vir apresentar-se
É referir que existe aqui catarse
Apenas parcial, a justo preço.

Então, rezem comigo bela prece,
Rogando por saúde, pois carece
O vate que hoje escreve desse apreço.

62. Ainda as explicações

Não vamos prosseguir com nossos versos,
Já que deveres outros se reservam
Aos gajos que estas rimas sempre inervam,
Fugindo dos pendores vis, perversos.

Tranquilidade, em suma, aos que preservam
As diretrizes todas, quando imersos
No fundo da consciência e são diversos
O sentimentos nobres que conservam.

Que a construção das trovas nos devore
O tempo mais precioso que nós temos,
Um só não há que disso se deplore.

É que julgamos justo que o leitor
Receba toda a ajuda para os remos
Com que conduz seu barco para o amor.

63. Pedindo desculpa

Retorno mais ameno para a trova,
Disposto a cooperar com meu amigo;
Talvez esteja o gajo mal comigo,
Porquanto os arremessos vis reprova.

Confuso, quanto aos versos, não me intrigo,
Se as rimas são mensagens desta cova,
Porém, não tenho medo, se for nova
A reação de dor deste castigo.

Mensagens tão poéticas não doem,
Conquanto os corações também não soem
Estimular os vezos da ousadia.

Se trago ao semelhantes rude pranto,
Transformo o sentimento em doce canto,
À luz do bem do amor, em sã poesia.

64. Aparente incongruência

Iludem as conquistas, se definho
À vista do insucesso de uma trova,
Não tanto por não ser a ideia nova,
Mas por não externar nenhum carinho.

Se me deixo envolver em dura sova,
Ciranda de pancadas que adivinho,
É tudo quanto quer, ó ser mesquinho,
Teu rude coração, que te reprova.

Por isso, volto lúcido a esta mesa,
Sabendo que esta forma é sem beleza,
Pois conteúdo é tudo que se quer.

Seja o poeta craque no solfejo,
Eu mesmo só defeitos sempre vejo,
Sentido controverso de colher.

65. Sem rebeldia

Atendo o mestre amigo em seu pedido
Para escrever uns versos com denodo.
Não sei por que me atrevo, pois de todo
Me encontro nestas rimas mui perdido.

Invejo os que conseguem deste lodo
Erguer-se intemeratos, pois duvido
Que esteja bem alerta e convalido
Os vis temores meus, em rude engodo.

Mas, quando leio as trovas resultantes,
Percebo quanto estão melhor que antes
E alegra-me a fatura desta rima.

Aí é que agradeço a quanto amigo
Gastou seu tempo aqui junto comigo,
A demonstrar, na dor, enorme estima.

66. Um pouco ansioso demais

Primeiro, foi a vez de pobre rima;
Depois, foi um soneto quase inteiro;
Cheguei a redigir bem mais faceiro,
Agora luto em vão por obra-prima.

É claro que subi pelo espinheiro,
Ferindo os meus conceitos, sem estima,
Elaborando em erro que sublima
A norma celestial que ao bem requeiro.

A prece nos coroa a perfeição
Dos versos mais felizes que te entrego,
Em salva de ouro, alegre, ó coração,

Pois a Jesus eu peço pelo amigo
Que vem seguindo junto aqui comigo
Que inclua entre os seus bens o do perdão.

67. Aprendendo a lição

Renovo neste texto a minha fé
De que me encontrarei junto a Jesus.
P'ra tanto, necessito de mais luz,
Bem mais do que este simples fincar pé.

Os hábitos morais a que conduz
O ensino de Kardec em seu tripé:
Reencarnação, contato em marcha a ré
E evolução, parecem ser de truz.

Por isso é que abespinho a minha rima
E obrigo o meu leitor a refletir,
Bem longe de querer-lhe a nobre estima.

Precisa que se esforce o Wladimir,
Deixando-me num ponto mais acima,
Por onde hei de passar, no meu devir.

68. Cativo

Recuso a boa oferta do mentor,
Que visa a me ofertar a melhor rima;
Deseja que conquiste a sua estima,
Que o vezo da poesia é superior.

Pretendo realizar uma obra-prima,
Decerto sem ajuda ao vir compor,
Mas, como sinto nele um grande amor,
Bem sei que esta recusa se sublima.

Descrevo um episódio cá do etéreo,
Porém, não vejam nele algo mui sério,
Que o bom é vir ditar o resultado.

Achei, um dia, ser vetusto e velho
O texto em que Jesus trouxe o evangelho:
Hoje procuro o dom e não me enfado.

69. Voando mais alto

Vivendo nestes ermos cá do etéreo,
São séculos de dor que o gajo apaga.
Na escuridão do catre é que essa chaga
Se fecha e consolida algo mais sério.

Porém, para o leitor resta o mistério
De que não tem noção, nem mesmo vaga,
Das coisas que lhe escrevo nesta saga,
Poético e brumoso refrigério.

Mas, se Jesus nos ouve a prece amiga
Que pede pelos próximos e obriga
A sermos mais fiéis à sã doutrina,

Também requero a todos que aqui vençam
As dúvidas, pois têm de Deus a bênção
Da inteligência pura que ilumina.

70. Desentortando o verso

Pretendo prosseguir um pouco mais
Na senda dos amigos mais sabidos,
Se os tempos antes idos e vividos
Não me causarem dor nem aos mortais.

Ocorre que o passado, aos meus ouvidos,
Repercutindo gritos, choros, ais,
Me obriga a não querer voltar jamais
À fúria da celeuma dos perdidos.

Mas lembro-me feliz dos gozos meus
Nos braços carinhosos dos parentes,
Em tempos sem saber que dava adeus.

Agora, refletindo sobre as gentes
Que trazem à minh'alma a fé em Deus,
Nas rimas abençoo tais sementes.

71. Inexperiente

Não deixo p'ra depois a decisão
De expor os meus problemas na poesia.
Talvez ser muito cru não deveria,
Porém, não vou partir meu coração.

Entrego-me aos bons versos co' alegria
E faço o meu melhor com perfeição:
Quem sabe alguns leitores poderão
Pensar em melhor forma, à luz do dia.

Preciso dizer algo superior,
Um pouco filosófico e sem dor,
Que o teste é rigoroso e de proveito.

Mas, como estou tremendo e até suando,
Com medo de cair em vil desmando,
Eu vou pedir perdão que o bem receito.

72. Com amizade

Não faço restrições para o descanso
Do bom amigo que me pega a rima:
Eu quero conservar-lhe a cara estima,
De forma a vir dizer que sempre avanço.

Não tenho que ensinar que o bem me arrima
E transparece, agora, um pouco ranço,
Porém, se bate o coração mais manso,
É certo que farei uma obra-prima.

Importa-me, contudo, defender
O posto junto à mesa de trabalho,
Onde cumprimos todos o dever,

Sabendo que este médium quebra o galho,
Em júbilo apanhando o bem-querer,
Que se transforma, enfim, em agasalho.

73. Ousando um pouco

Concebo a realidade mais profunda,
Além deste instrumento da expressão,
Contudo, o verso é o que se tem à mão,
Para informar que n'alma o amor abunda.

Jocoso, o meu amigo já diz *não*
Ao verso, que não quer que alguém confunda,
Pois logo surge a ideia vagabunda
De que se esconde um mal nesta escansão.

Alegre, com certeza, é o pensamento
Que agora ponho em verso e já me enfrento,
Disposto a compreender qualquer censura.

Sugiro e não afirmo com rigor
Que agrada a minha forma de compor,
Poética afeição, mais justa e pura...

74. Hendecassílabos, simplesmente

Eu entendo que a poesia seja minha
E se ilude quem não quer admitir.
Bate os dedos no teclado o Wladimir,
Sem sentir nenhum afeto: — *Pobrezinha!*

Com certeza, este poema, no porvir,
Vai constar entre os piores cá da rinha,
Que os brigões levantam penas mui azinha,
Não querendo estimular este sentir.

Foi por isto que mudei o tal compasso,
A deixar o companheiro nele imerso,
Sem saber, a perguntar: — *Como é que faço,*

Caso o tema seja muito controverso?
Eu lhe digo: — *Caro irmão, aqui no espaço,*
A razão encontra ajuda no Universo.

75. Malhando o verso

Rascunho o meu poema e levo ao grupo,
Julgando que o trabalho é bom de fato.
Mas todos são gentis e, com recato,
Evitam perturbar-me com apuro.

No entanto, já propõem que seja exato,
Na descrição formal do que me ocupo
E exigem que refaça o que engazupo,
Aconselhando a rima que aquilato.

É com paciência, então, que mais me esmero,
Na busca das palavras, pois, sincero,
Dedico-me ao labor desta poesia.

Estou agradecido e agora, em prece,
Dirijo-me a Jesus, que me parece
Estar por trás de toda esta harmonia.

76. Cantei, cantei...

Resolvo prosseguir em campo aberto,
Trazendo para o povo a nobre rima.
Eu sei que o sentimento se sublima,
Se penso estar dos homens muito perto.

Não vou afugentar a sua estima,
Ó caro companheiro que desperto.
Às vezes, eu também, só, no deserto,
Roguei que alguém viesse p'ra vindima.

Contudo, ao fraquejar num verso tolo,
Eu peço ao bom amigo p'ra compô-lo
Da forma que lhe apraz, em sendo claro.

Depois, se não ficar muito formoso,
Pressinta na intuição que existe um gozo,
Na fórmula interior que eu desmascaro.

77. Todos somos irmãos

Reclamo que nem todos que nos leem
Compreendem nossos versos, nossas rimas.
Bem sei que não compomos obras-primas,
Mas sinto quando alguns, sem ler, descreem.

E tu, meu bom amigo, que me estimas,
Terás dos companheiros que não veem
Alguma compaixão, para que deem
Um leve olhar cismado ao que lastimas?!...

Bem cedo, irei compor, com maestria,
Talvez em outra língua, em outro espaço,
Em forma diferente de poesia.

Então, vão refletir que o meu compasso
Melhor que eu aqui qualquer faria,
E tu vais dar-me, então, aquele abraço...

78. Rodeando o tema

Retrato três por quatro de minh'alma,
Redijo este poema precavido.
Bem sei que vou chocar o teu ouvido,
Mas não pretendo aqui levar a palma.

Não quero que tu digas: — Eu duvido
Que alcance alguém manter a rima calma,
Quando soletra a dor e o pranto espalma,
Em lânguida expressão, em verso infido.

Duvidas e eu também posso afirmar
Que tenho para mim seja exemplar
A rima que hoje exponho, sem proveito.

Porém, encontro aqui certa alegria,
Pois prova-me esta trova qual seria
A fórmula do bem que agora espreito.

79. Periférica mente

Prefiro terminar este trabalho,
P'ra descansar depois, já que me esforço.
Não quero que o rapaz sinta remorso,
Voltando sem os versos p'ro borralho.

Os temas se apresentam: logo escorço
O texto que não traz um rebotalho,
Porém, se, por desídia, o ato falho,
A rima que gorou eu já retorço.

A cisma que me anima o conteúdo
Não vai permanecer no meu bestunto,
Pois sei que o bem do amor irá ser tudo

Que levarei comigo, pois, defunto,
Não entra nem se aceita, sendo mudo,
Na esfera superior, em vil transunto.

80. Atrapalhado

Não vou fugir da liça nesta hora,
Porque meus olhos correm pelo texto.
Ali deixei no canto cheio um cesto
De tentativas baldas, que alma chora.

O mestre me consola e diz que o sexto
É sempre aquele que ninguém deplora.
Repudiar os cinco é jogar fora
Os males que portamos por pretexto.

Entendo que estes versos são penosos,
Mas digo ao bom leitor que quer os gozos
Que deve estimular sua virtude.

Aos poucos, os poetas cá do etéreo
Vão tendo em suas almas refrigério,
Então, é de esperar que o verso mude.

81. Faço o que posso

Renovo o compromisso deste verso
E trago a minha fé, minha emoção,
À mesa que me dá toda a atenção,
Com resultado, embora, tão perverso.

Os meus amigos logo entenderão
O quanto solidário e incontroverso
É este sentimento, tão diverso
Dos termos em que filtro esta escansão.

— *Perfeitos, vão dizer alguns amigos,
Os textos que nos dizem que devemos
Fugir das travessuras dos castigos.*

Assim, eu vou sorrir, puxando os remos,
Recordação dos temas dos antigos,
Pois hoje são motores que escolhemos.

82. Viagem sem volta

Preciso versejar um pouco mais,
Porquanto os temas meus foram perversos.
Também estropeiei, em rudes versos,
Os sentimentos de ternura e paz.

Se vão os bons desejos sempre imersos
Em lúgubres lembranças, sem jamais
Trazer satisfação, os dons normais
Perturbam-se e transformam-se em inversos.

Por isso, aqui falar em poesia
Talvez seja cediço, triste, um pasmo
Que assusta, que amortece, que entedia.

A tradição do etéreo é vil marasmo,
Quando só sofrimentos compendia.
Por isso é que demonstro este entusiasmo...

83. Aceitando a crítica

Disponho cada verso numa linha,
Conforme determina este compasso.
Bem sei que não escrevo em todo o espaço,
Mas muita coisa fica na entrelinha.

Talvez se deva ler tudo o que faço
Apenas nos desvãos, pois se avizinha
O dia em que terei que vir asinha
Ao mundo terrenal, já que fracasso.

Então, explicarei a pobre rima,
Dizendo ter perdido dela a norma,
Bem longe de trazer uma obra-prima.

Sabendo que o rigor não se transforma
Apenas por saber que existe estima,
Atrevo-me a compor aqui *pro forma*.

84. Um pouco mais feliz

Capricho o mais que posso nestas trovas,
Porém, não dou sequência aos textos sérios.
Confundo, nos suplícios, refrigérios,
Defuntas sensações, em fundas covas.

Não sei se perceberam os mistérios
Que ensombram a minh'alma em rudes provas.
Espero que me dê ideias novas,
Ó coração rebel, sem despautérios.

Por isso é que lamento o verso torto,
Sabendo que componho um texto morto,
Sem luz, sem fogo, sem qualquer paixão

E trago aos encarnados desconsole,
Sem demonstrar mais vida por dispô-lo
Do etéreo para os homens, como irmão.

85. Paralisado e tenso

Demonstro lucidez, mas não me anima
A trova que rascunho a cada dia:
Parece que lhe falta só poesia,
Pois sobeja, ao final, alguma rima.

É claro que o poeta não diria
Que o soneto em pauta se sublima
Por esta ideia rara, pura, opima,
Nem por aqui trazer sabedoria.

O texto simplesmente deixa claro
Que tenho os meus recursos e que os uso,
Mediocrementemente, é certo, pois mascaro

O sofrimento atroz de ser confuso,
Elucidando o tema em que este, avaro,
Resguarda a melhor parte em que me acuso...

86. Enfunando as velas

Percebo que meu verso desafina,
Ao transportar as rimas para o mundo.
Aqui meu tema tenho por profundo,
Ao traduzir, no entanto, a mente inquina.

Por isso, muitas trovas que difundo
Não trazem os problemas da doutrina,
Que o mal que inda carrego dissemina
As dúvidas da tese e o bem contundo.

Nas praias em que banho o pensamento,
As vagas são pacíficos marulhos.
Assim, eu fico em calma e não lamento

Perder meu tempo aqui, pois meus mergulhos
No etéreo do meu ser causam tormento
Que se transforma em bem, sem vãos orgulhos...

87. Bucólicos sentimentos

Agradeço comovido este momento
Em que transfiro ao povo tal poesia:
Quisera demonstrar minha alegria,
Porém, tanta emoção não sei de aguento.

Eu luto por deixar sabedoria,
Nos versos deste meu contentamento,
E faço que esta turma que atormento
Esqueça o mal maior de cada dia.

Agora, tenho medo de partir,
Deixando um rastro tolo pr'os amigos
Que vão julgar que devem, no porvir,

Passar por este crivo de castigos,
Mas poucos vão poder usufruir
O gosto de nostálgicos pascigos.

88. Chegando agora

Periga o nosso verso neste mar
Encapelado e tenso da poesia.
Não venho com certezas, todavia,
O fato de estar morto há de ajudar.

Bem sei que dei entrada em lindo lar,
Fazendo estardalhaço de alegria,
Mas como alguém melhor procederia
Se fosse um elefante num bazar?

Por isso é que lhe peço humildemente
Que nos perdoe a rima diferente,
Rogando p'ra lhe darmos belo fim,

Lembrando que o madeiro onde Jesus
Se viu pregado outrora ganhou luz,
Na inteligência humana mais chinfrim.

89. Entornando o caldo

Reverto o tal princípio e digo logo
Que estou muito contente por aqui:
É como era feliz quando vivi,
Agora que meus males desafogo.

É breve este momento em que saí
Em busca desta rima em que lhes rogo
Que pensem mais na vida, pois não jogo
Com cartas escondidas, como aí.

É triste quando o gajo se arrepende
E vê que tudo em vão se repetiu.
O verso, nesse caso, aqui não rende

E os trastes que releva ele mentiu,
Porque não sente nada e o peixe vende
A sonegar amor, pois nunca o viu.

90. Para pegar gosto

Não lido muito bem com a poesia,
Pois penso ser difícil versejar.
Também não sinto ser este o lugar
Em que muita esperança eu lhes daria.

No entanto, já que estou indo ao seu lar,
Preciso transformar em alegria
O sentimento tolo da alergia,
Mesmo que em trocadilho tão vulgar.

Também vou conseguir chegar ao fim,
Sabendo que terei ajuda e, mais,
Um empurrão de amor, por ser assim

Que atuam os do etéreo, meus iguais,
Por certo por piedade e dó de mim,
Que devo enaltecer o dom da paz.

91. Cada um dá o que tem...

Empenho-me no verso o mais que posso,
Para trazer ao povo algum prazer,
Porém, não é bem esse o meu dever
E, se surgir a dor, tal fato endosso.

No entanto, ao refletir em meu poder
De elucidar a gente, enquanto acosso
Os males dessa vida, eu alvoroço
Os bons que, ingenuamente, vão descrever.

O risco é bem notório em cada canto
Que os trovadores vêm trazer à gente,
Às vezes gargalhando, outras em pranto,

Que o verso modifica a pobre mente
Daquele que pretende só o encanto,
Pondo de lado o amor, que já não sente.

92. Sendo sincero

Nefasto foi o dia em que tentei
Cumprir as normas todas destes versos:
Em vez de bons e belos, são perversos,
Porque do etéreo não segui a lei.

Queria impressionar os universos,
Pois não bastava a mim só minha grei.
Compus muitos sonetos e pensei
Que alguns trariam dons incontroversos.

Queimei-os todos, pois não vi sentido
Na forma perenal, segundo o gosto
Da humana criatura, um ser falido,

Quando se instala nele tal cuidado:
Criar belo poema é dar encosto
A rudes embaraços no traslado.

93. Dando duro

Falece-me a vontade, quando escrevo,
De resolver no verso o meu problema:
Procuro disfarçar mas volto ao tema
E dou-lhe outro contorno, outro relevo.

Porém, não modifico este sistema,
Sem alcançar nas rimas um enlevo
Que possa distrair-me, pois não devo
Fazer que o bom leitor se assuste e tema.

Os meus colegas trazem seu conforto,
Auxiliando um pouco em cada verso,
Mostrando que o refrão de um vate morto

Aos vivos há de parecer perverso.
Pergunto, então, se existirá um porto
Em que atracar minh'alma no universo...

94. Dança macabra

Estou encaminhando este soneto,
Embora o sinta fraco, sem virtude.
Vão desejar, então, que o vate o mude,
P'ra não pintar a alma em branco e preto.

Mas tal não há de ser minha atitude,
Porque devo tocar neste coreto
A música que dança este esqueleto,
Já que mentir aqui não há que ilude.

Por isso, muitas glosas são perversas,
Sem mascarar jamais um só defeito:
Se estão nossas carcassas inda imersas

Na profundez das covas, que respeito,
Não temos de enfeitar, cores diversas,
Com penas de pavão, o nosso efeito.

95. Desnudando a alma

Abrigo o pensamento na doutrina,
Agasalhando a ideia do perfeito.
Assim é que dedico o meu respeito
Àqueles que versejam sem rotina.

Não trago novidades nem empreito
Uma tarefa acima desta sina,
Porquanto o mestre a todos nós ensina
Que o texto deve estar do nosso jeito.

Às vezes, eu me iludo e trago versos
Que apago, ao perceber que são perversos,
Nostálgica lembrança lá da Terra.

Concentro-me na dor dessa ilusão,
Sabendo que os leitores não irão
Desfeitear a rima que me emperra.

96. Retratando a mente

Preciso obedecer à lei da casa,
Oferecendo um verso carinhoso.
Talvez eu pretendesse um nobre gozo,
Não esta escuridão que se extravasa.

Mas hoje estou cordato e já não ousa
Realizar na trova o mal que atrasa,
Então devo dizer que, em cova rasa,
Descansa o meu cadáver seu repouso.

São tantos empecilhos nesta estrada,
Que forro de quiméricas figuras,
Que o texto se complica e quase nada

Se aproveita no fim, pois tu não juras,
Ó coração voraz, que desagrada
A fórmula da dor, em rimas puras...

97. Sentido

Em lágrimas compus minha poesia,
Sabendo ser tão pobre este poema,
Porém, se tenho paz, não há que tema
Dizer aos bons leitores: — Meu bom dia!

Se tudo concitasse um só problema,
Ninguém aqui jamais resolveria.
Por serem mil, nossa'alma se esvazia
Mui lentamente, atrás de quem atrema.

— Estou perdido! — grita lá no escuro
Quem se arrepende por haver traído
A dádiva da vida: eu asseguro.

Ao receber ajuda, diz: — Duvido
Que exista alguém leal, distinto e puro,
A ponto de me dar o meu devido...

98. Desgovernado

Notívago, vagueio pelos ermos,
Buscando a solidão, sem meus amores,
Mas noto, nas estrelas, resplendores
Que fogem, quando quero pôr em termos.

São poucos, em minh'alma, os tais ardores,
E fico a resmungar entre estafermos,
Pois vejo em torno a mim muitos enfermos,
Que dos poetas têm tão só as dores.

Resumo o pensamento tantas vezes,
Porque são as ideias mui soezes,
Impróprias p'ra causar um riso amigo.

Quisera a inspiração dos grandes vates;
Consigo só terríveis disparates,
Não tantos, porque a forma inda castigo.

99. Fiel à verdade

Atrevo-me a pensar que sou poeta,
Apenas por compor uma poesia.
Talvez não deva expor a melodia,
Por me faltar pendor ou dom de esteta.

No entanto, quando luz sabedoria,
Em forma penumbrosa e incompleta,
Percorro as rimas todas e se aquieta
O coração em ânsias, pois confia.

Se calha bem a ideia no soneto,
Eu venho dizer branco e me sai preto,
Rascunho que rejeito nesta hora.

A perfeição do texto é bem tacanha,
Pois acertar na mosca mais me acanha,
Que o mais que quero aqui é ir-me embora.

100. Superando barreiras

— *Notáveis os poemas deste vate* —,
Queria ouvir do povo que me escuta,
Porém, eu não consigo um só — *Batuta!* —,
Que a pretensão não ganha bom remate.

Jamais irei usar de força bruta,
Instando por fazer um acicate,
P'ra estimular os ânimos, no embate
Dos vezos que trouxesse para a luta.

Por isto é que a linguagem se complica
E o texto fica espúrio e mal formado:
A mente sabe que a teoria é rica,

Mas tudo que aqui trago eu arrecado
Do estudo que meu mestre identifica
Como menção apenas de vil fado.

101. Falando claro

Requeiro mais paciência ao meu ouvinte,
Porquanto não consigo melhor rima:
O verso muito grave não sublima
A tese, quando o texto é sem requinte.

Emprego os termos todos cá de cima,
Sem encontrar, porém, não mais que vinte
Que expressem sentimentos sem acinte,
Porque ser mau aqui não gera estima.

Então, vamos levando a nossa forma
Elaborada e tensa, pois a norma
É dar aos bons leitores a verdade.

Ao desnudar o espírito, propomos
Que existem no universo ricos pomos,
Mas não no coração de quem se enfade.

102. Outros aspectos

Preciso combinar com o meu mestre
De só trazer à luz os bons poemas:
Aqueles que refletem só problemas
Não têm como atrair nenhum terrestre.

Quão tristes pensamentos nestes temas!
— Não há no etéreo alguém que mos orquestre.
Jamais irei pedir que me sequestre
A musa da beleza e dos emblemas.

Navego pelos versos sem destino,
Perdido para as artes de mais luz,
E, quando algum soneto aqui termino,

Me sinto mais tristonho, pois seduz
A rima que me expõe tão cabotino,
Porque peço perdão pregado à cruz.

103. Rude espera

Amor não sinto mais pela pessoa:
Agora a alma dela é que me vale.
Amor sem ter paixão é como um xale,
Que vem agasalhar de forma boa.

Perdão hei de pedir, para que cale
O coração que, em dor, no ar ressoa,
Trazendo para o verso a rima à-toa,
Que obriga a refletir sons de timbale.

Não tenho obrigação para este verso
Mas, como estou profundamente imerso
Nas dúvidas atrozes desta esfera,

Preciso é que se alerte todo o povo,
P'ra não ouvir conselhos cá de novo
Da própria consciência, em rude espera.

104. Mudando o prisma poético

Ranzinza, perambulo pelo etéreo,
Buscando algumas rimas convenientes,
Mas, quando penso em ti, quero que aguentes,
Ó coração gentil, levado a sério.

Meus versos são completos para as gentes
Que prestam atenção neste mistério,
Pessoas que desejam refrigério,
Mas temem por seus atos consequentes...

Não tive muita escolha quanto ao tema,
Porque fugir de mim já não consigo,
Que o mal da criatura aqui me algema.

Então, fico feliz pelo castigo
Que sofre a trova minha e que se extrema,
Se penso que o leitor corre perigo.

105. Desafiando o tédio

“Não quero interferir em seu trabalho”,
Me afirma o caro mestre que me assiste,
“Porém, jamais gostei de vê-lo triste,
Embora a turma dê bom agasalho.”

Eu sei que o pensamento meu persiste,
Se o tema se repete quando falho,
Mas cumpro a obrigação e assim espalho
As lágrimas que correm sem despiste.

Ao suspender a glosa na metade,
Um sentimento mau minh'alma invade
E corro para a trova que me alegra.

Ocorre que a paixão nem sempre alcança
Desenvolver em mim doce esperança,
Nos versos que componho como regra.

106. Aproveitando as sobras

Preciso sufocar o meu desejo
De ver esta poesia completada:
Aqui já não garanto quase nada
E seu fracasso aí é o que prevejo.

Embora não consiga, ela me agrada,
Porquanto de ser lido dá-me ensejo:
É como suga o sangue o percevejo,
Que se nutre causando uma estocada.

Percebe o meu amigo esta intenção
De lhe mostrar que sou um sanguessuga?
De que me nutro aqui, na imensidão,

Senão desta leitura em que se enjuga
O teu nobre e sereno coração,
Que faz valer meu texto mesmo em fuga?!...

107. A ponta do véu

Dispensar os meus carinhos nesta trova
Aos bons leitores que me têm em conta,
Mas, como a rima é tola, vil e tonta,
O resultado é triste e sabe a cova.

Meu coração, no entanto, sempre aponta
Para o melhor dos temas e me aprova,
Quando suspiro alegre por ser nova
A página que trago, sem afronta.

Então, termino a rima e deixo a mesa,
Agradecido e terno, com lisura,
Por ter deixado aqui esta *lindeza*...

Por isso é que meu mestre mais me apura,
Mandando que refaça a tal proeza,
P'ra respeitar no verso a criatura...

108. Assim, assim...

A gente que no etéreo está sofrendo
E vem trazer ao povo testemunho
Deseja aqui deixar, de próprio punho,
A dor que pune o gesto vil, horrendo.

Assim é que o mentor, vendo o rascunho,
Aplica ao incapaz susto tremendo,
Dizendo que vai ter de pôr remendo
Nos versos dolorosos com seu cunho.

Previno o meu amigo para o fato
E mostro tão terrível consequência,
Porque fui eu o tal do espalhafato.

Não posso desleixar e, sem paciência,
Recomendar que fujam, pois desato
Os nós desta prisão, mas com carência.

109. Enquadrando-me

Atenho-me a ditar alguns versinhos,
Alinhavados sempre na clausura.
Bem sei que muita gente não me atura
E deixa ali de lado os meus carinhos.

A forma está bem longe de ser pura,
Mantendo-se os compassos mais daninhos,
Mas vou seguindo adiante nos caminhos,
Que vou abrindo à força e sem usura.

Insisto e dou de cara com minh'alma,
Na esquina desta estrofe que componho.
Então, chamo o meu mestre, que me acalma,

Dizendo que devia estar risonho,
Porquanto, desta forma, levo a palma:
Ao menos, posso ver que sou bisonho.

110. Antevisão do amor

Não devo provocar más reações
Da parte dos leitores que me leem.
Espero, pelo menos, que me deem
Um pouco mais de crédito aos senões.

Os que me têm em conta sempre veem
Com olhos de justiça as emoções
Que turbam, muitas vezes, corações
Em débito co'as luzes dos que creem.

Ocorre que este tema é pegajoso
E prende nestas malhas quem mergulha
Nas trevas da consciência, sem ter gozo,

Ao compreender que o bem, simples fagulha,
Reluz, em meio às trevas, mais formoso
Que toda esta poesia, que se entulha.

111. Transferindo preocupações

Entendo por que o médium se atrapalha,
Se dito simples versos sem valor:
São tantos os poemas a dispor,
Que logo lhe parece fogo em palha.

Então, devo fazer algo que valha
A pena, pois trabalho com amor,
Porém, por mais que faça é inferior
O resultado ambíguo; e a trova falha...

Atento fica o mestre e me permite
Pôr em brios alguém que já me estima,
Dizendo-lhe que nunca mais hesite,

Ainda que esta fórmula de rima
Não traga mais prazer e o vate evite
Falar mais seriamente da vindima.

112. Vertentes

Razão mais que perfeita para a trova
Reside neste amor que transparece.
Bem sei ser inferior a minha messe,
Mas vejo o quanto o verso se renova.

Um pouco a cada dia, favorece
A perfeição da rima desde a cova,
Que o mestre se diverte e não reprova
As tentativas frustas, que enaltece.

É fato que a insistência gera luz,
No atrito permanente das ideias.
Ao menos, considero que Jesus

Não renovava o ensino nas plateias,
Repetindo as lições, que o bem seduz,
Se longe se estiver destas estreias.

113. Perplexo e fútil

A graça que se esgarça pela praça
Não tem a contenção de simples verso:
Por mais seja o meu texto aqui perverso,
Não corre desabrido e nunca passa.

Valei-me, ó rima pobre, estou imerso
Nos braços poderosos da desgraça
E não consigo aqui um tom que faça
Entender que é por ela que hoje terço.

Confusão no meu cérebro resulta
Nesta trova improvável de tão feia,
Como é feia e perversa aquela multa

Que terei de pagar, pois mais se alheia
O leitor que deseja ver se avulta
A doutrina na página que enleia.

114. Às claras! Será?

Sustento que preciso melhorar,
Mas não no verso amigo, que me ajuda:
Quem não pratica aqui, o bem estuda,
Porquanto tem de vir p'ra versejar.

A rima, já notaram, nunca muda,
A conquistar na linha o seu lugar,
No entanto, é bom saber que venho ao lar
Trazer um lenitivo que me acuda.

Estou forçando a estrofe, que viceja
Em lusco-fusco apenas, malparado,
Que a luz que o povo espera não se enseja

A quem jamais se esforça do seu lado,
Que as bolhas dos excessos de cerveja
Não chegam p'ra formar algo de agrado.

115. De novo, assim, assim...

Credito o meu trabalho ao professor,
Que assiste com carinho ao meu empenho:
É dele a proficiência com que venho
Mostrar que estou disposto a recompor.

O fato de existir algum engenho,
Nas trovas que lhes dito com amor,
Não vai representar ser superior
A rima do compasso que mantenho.

É fácil de montar esta estrutura,
Dispondo os sons segundo certas normas.
Difícil é fazer que seja pura

A reação ao verso que sublima,
Ó coração teimoso, as lindas formas
Que me entusiasmam tanto p'ra vindima.

116. Agora é tarde

Preciso controlar o meu anseio
De conseguir compor o melhor verso.
No fundo, bem no fundo, estou imerso
Em sentimento adusto, curto e feio.

Busquei inspiração neste universo
Em que minh'alma vive de permeio
Às tristes conclusões em que me enleio,
Mas vi que o tema é sempre controverso.

O mestre me mostrou que a crise vence
Quem pensa no melhor, agindo um pouco
No bom sentido de manter suspense.

É quando o meu leitor me julga louco
Que obrigo a refletir que lhe pertence
O dom de aqui fazer ouvido mouco...

117. No embalo dos sons

Nostálgica, percorro o meu espaço,
Sem compreender direito o meu caminho:
Bem mais do que saber, eu adivinho
Que o bem, com muito amor, não traz fracasso.

Por isso, quando a rima desalinho,
Formosa na intenção com que eu a faço,
Importa muito pouco e já repasso
O verso que bolei e que acarinho.

Se o mestre está contente e me auxilia,
A reforçar o texto da poesia,
Mostrando qual o termo mais preciso,

Eu mesma mui me alegro e felicito,
Perante o meu progresso no infinito,
Aqueles que demonstram ter juízo.

118. À matroca

Entrego-me à poesia e manifesto
Um sentimento lídimo de fé,
Porém, por não saber montar o pé,
O verso cambaleia e perco o resto.

Quisera ser melhor do que Tomé
Mas, vendo, já não creio ser funesto
O vil compasso, que me leva presto
A terminar a trova... em marcha a ré.

Norteia-me a esperança de algum dia
Trazer para este posto uma poesia
Que alcance ser notada e copiada.

O dia não é hoje, com certeza,
Pois leio nos semblantes desta mesa
Que esta peça não vale quase nada.

119. Um tanto desaforado

As luzes não me ofuscam, pois carrego
Uns óculos escuros, prevenido.
Não vou tentar tirá-los, pois duvido
Que veja muita coisa, estando cego.

Assim, não tenho ação, que o meu sentido
Humano é permanente: não renego
A fúria dessa vida e resfolego
Apenas quando escrevo distraído.

Mas manda o mestre estar mais concentrado,
A refletir na dor que trago em mim,
Tarefa que não vou deixar de lado,

Embora o meu sentir seja ruim:
Talvez não venha a ser de seu agrado;
Ao menos vou chegando agora ao fim...

120. Macambúzio e triste

Tarefa muitas vezes perigosa,
As trovas que compomos vão surgindo.
Nem sempre nós ouvimos: — *Oh, que lindo!* —,
Mas nosso coração se encanta e goza.

No entanto, é, com certeza, quase infindo
O mundo destes temas e formosa
A rima resultante, quando dosa
O sentimento alegre sobrevindo.

O duro é quando a gente se desgosta
Do texto que criamos, pois falimos,
No intento de mostrar o bem que arrosta

A frase tão estranha, que interpreta
Aquilo que trazemos lá nos imos:
Se o verso aceita, o mestre sempre veta.

121. De fábulas e de moral

Não luto pela forma e me envaideço
Se faço o melhor verso neste esquema.
Talvez não haja aí ninguém que tema
O versejar das rimas pelo avesso.

O conteúdo acaba e não se extrema,
Mantendo o lusco-fusco que forneço,
Segundo o brilho tosco deste espesso
Fanal de luz que emborco no poema.

Palavras, só palavras, sem ideias,
Como se dão naquelas assembleias
De ratos, guizo, gato e decisão.

Querer que os outros façam é tranquilo,
Mas quando alguém deseja consegui-lo
Terá de ouvir a voz do coração.

122. Devagar, eu chego lá

Aguardo a minha vez, enquanto escreve
O médium que me ajuda o texto em prosa.
Não tenho muita fé, mas sei que dosa
As emoções da hora, como deve.

Depois, muito depois, é que ele goza
As delícias da leitura, p'ra que eleve
O pensamento ao Pai, de forma breve,
Mas lúcida, oportuna e mui formosa.

Por isso é que conservo os textos meus
Bem longe do bulício deste grupo,
Nos quais eu prego o amor primeiro a Deus,

Depois aos bons confrades e aos imigos:
Por não querer sofrer um vil apupo,
Vou logo antecipando os meus castigos.

123. De abelhas e zangões

Faculta-me a escansão algum descanso
Das dores que meus males me provocam.
Aqueles que, mais tímidos, se entocam
Acabam por ganhar tremendo ranço.

Os que versejam sabem que deslocam
Do centro dos cuidados seu avanço,
Progredindo ao tornarem leve e manso
O espírito que sofre... e não sufocam.

Perdida para a rima, embora, a ideia
Se põe de pé mostrando seu vigor,
Fazendo ver que, em meio da colmeia,

Existe quem bom mel venha dispor,
Trocando o velho choro da assembleia
Por tratamento igual e muito amor.

124. Reconhecido atrevimento

Malhei o ferro frio e fiz o verso
Na forja dos que sofrem tal horror,
Porém, quando chamado a vir dispor
O texto no papel, não fui perverso.

Busquei no coração sombras de amor;
Busquei por compreensão pelo universo;
Achei um sentimento incontroverso,
Que me deixou alegre e com louvor.

As rimas foram pobres, reconheço;
O pensamento enxuto e pelo avesso,
Sem sinos sonorosos, estridentes,

Contudo, em mim, a fé bem mais cresceu:
Sabendo-me afastado do apogeu,
Aceito as encomendas dos presentes...

125. Buscando inspiração na hora

Atenho-me a ditar o meu rascunho,
Na crença de alcançar compor o tema.
Não quero seja esplêndido o poema;
Apenas que lhes dê meu testemunho.

O verso, em sendo bom, nos desalgema
Dos males que nos marcam com seu cunho.
Assim, não vou brilhar, pois me acabrunho,
Sabendo que a virtude é fé suprema.

Por isso, ao terminar o trecho acima,
Supondo que deixei a melhor rima,
Eu peço aos meus irmãos que sempre vençam

A tentação de estar muito à vontade:
Ser responsável nestas trovas há-de
Lograr para este autor divina bênção.

126. Prometendo voltar

Tamanho foi meu susto cá no etéreo,
Ao deparar a sombra do meu eu,
Que logo imaginei, por ser ateu,
Que grave era o problema do mistério.

Não lamentei a vida, que perdeu
Todo o sabor ali no cemitério.
Considerarei, porém, bastante sério
O fato de pensar-me no eliseu.

As coisas não corriam do meu jeito,
Ao encontrar figuras muito estranhas,
Por isso, não ficava satisfeito.

Os seres que se davam lá comigo
Queriam que esquecesse as artimanhas,
Para poder no céu achar abrigo.

127. Que escuridão, meu Deus!

Resisto o quanto posso à tentação
De oferecer nos versos minha dor,
Porém, sem harmonia, vou compor
Um lúgubre soneto, um cantochão.

Não quero que o leitor me dê valor,
Se lhe ferir, com garbo, o coração.
Por isso, tais palavras comporão
O imbróglio desta mente sem amor.

Mas quero progredir em minha rima,
Sem desprezar do amigo a nobre estima,
Pedindo-lhe uma prece comovida.

Se lhe ofertar, além de simpatia,
Também o lenitivo da poesia,
Irei sentir alívio e sobrevida.

128. Contando com a sua boa vontade

Faculta-me o mentor a doce estima
De quem conhece a turma e seus defeitos.
Assim, posso auferir os bons preceitos
E transformar a ideia em boa rima.

Não pensem que já estou entre os eleitos:
Apenas me conformo, pois me anima
O texto que compus e que sublima
O amor nesta poesia e os meus respeitos.

Consigo sustentar o bom humor,
Mantendo, embora, o aspecto de defunto,
Pois lembro os dons marotos ao compor.

Por que não procurei um outro assunto?!...
Foi tudo o que mais quis, mas o labor
Exige que melhore o meu bestunto...

129. Para nós todos

Os quiproquós estão por toda a parte
Nos versos que compomos cá no etéreo:
Saudade já não temos, pois é sério
O sentimento lúdico dest'arte.

Carrego este meu fardo meio aéreo,
Que o tempo de compor não se reparte.
Mantendo-me feliz, peço *à la carte*
Os temas que me trazem refrigério.

Engodo da consciência, este momento:
Ao menos, já nos serve de consolo
O exemplo que dispomos do memento.

Noss'alma há de vibrar ao vir compô-lo,
Na fé de conseguirmos, neste evento,
Tornar o verso amigo menos tolo.

130. Nem pobre nem rico

Nadei em desespero de afogado,
Sem perecer, contudo, em alto mar:
Imagem que pretendo demonstrar,
Em versos que hoje sei de seu agrado.

Saí da minha esfera para o lar
De quem se vê na Terra aureolado
Durante a transmissão deste ditado,
Pois tudo me faz crer gostando estar.

Estou habilitado junto ao mestre
A oferecer o texto ao ser terrestre
Que se dispõe, amigo, a tal leitura.

Pretendo não falir e dar de mim,
Mui longe de ser bom, sem ser ruim,
Na rima deste amor de forma pura.

131. Sob a impressão da prosa

Exijo compreensão e dou carinho,
Mas tenho de entender que o companheiro
Nem sempre está disposto ao que requeiro,
Seguindo muito alegre o seu caminho.

Às vezes, vou dizer que sou primeiro
Na lista dos afetos, mas definho,
Querendo que este amor em desalinho
Supere o livre-arbítrio verdadeiro.

Por isso é que gostei quando o Gilberto,
Mostrando ser sagaz e muito esperto,
Não aceitou que o mestre se opusesse.

Era retórica somente, eu sei,
Mas fez citar o amigo a nobre lei
Do vigiar honesto em doce prece.

132. Fantasia e realidade

Não faço restrições e ponho a rima
Que me convém ao texto que componho.
Talvez não seja bom, seja bisonho,
Mas gera um sentimento que me anima.

Assim, fico feliz, como num sonho
Em que me vejo puro para a estima
Dos seres superiores, e se sublima
A tese de que os versos desenfronho.

Precisa que haja alguém com mais coragem
Que venha requerer que alguns viajem,
Imaginando mundos sem matéria.

Caso o leitor amigo desconfie,
Ao menos que não deixe *sine die*
Para aceitar a ideia como séria.

133. Mais um pouco de realidade

Retomo o pensamento lá da prosa,
Para dizer que estou impressionado,
Pois quem coloca os textos bons de lado
Não tem como entender e não se entrosa.

A luta é tão voraz que nunca enfado,
Pois não se cansa alguém de olhar a rosa:
Perfeita forma encanta e o gajo goza
Delícias que usufrui encabulado.

O mesmo há de sentir se o texto encerra
Belezas que não vê aí na Terra,
Mas fáceis de alcançar com certo estudo.

Eu mesmo, que passei a vida em branco,
Apenas despertei para este canto
Depois de dedicar-me ao conteúdo.

134. Sorrir para não chorar

Navego pelas águas da cultura,
Pois trago uma poesia compassada.
Mas, como sou tão pobre, um quase nada
Capaz eu sou de pôr nesta estrutura.

Já li os bons poetas e me agrada
A rima que emociona, em sendo pura.
No entanto, quanto diga aqui não dura
Um só minuto após tal empreitada.

Degrau, o verso amigo eu galgo e subo,
Porquanto há de servir-me o mau de adubo
Para estercar a terra em que viceja

A prosa alvissareira que me serve
Para aumentar a força desta verve,
Pois, sem champanha, brindo com cerveja.

135. Por linhas tortas...

Faculto ao meu leitor que determine
O rumo da poesia que lhe escrevo,
Não quanto ao texto em si, porque não devo
Reger-lhe o sentimento posto *in fine*.

Pretendo dar-lhe o gosto que prescrevo
A todos que me leem, caso termine
O verso desprovido, vil fanzine,
De ideias generosas, sem relevo.

Assim, não vou perder-me nestas lavras
Por causa do teor das tais palavras,
Das rimas mais perversas que ditei.

Se o fiz sem compromisso co'a verdade,
Saber que, no geral, o bem me invade
Há de mostrar que o crédito é de lei.

136. Imitando com estilo

Preocupa-me a maneira de dizer
Que arrisco quando escrevo a minha rima:
Pretendo arrecadar a sua estima,
Mas tenho o compromisso do dever.

No fundo, a melhor forma se sublima
Na mente do leitor que tem poder
P'ra discernir que o verso quer manter
A lídima intenção de quem se anima.

Por isso, esta lição só corresponde
Aos galhos, sem as folhas de tal fronde
Que iria agasalhar-me em sua sombra.

Imito os bons poetas e lhes roubo
A rima preciosa, num arroubo,
Dispondo, com amor, de sua alfombra.

137. Para chegar junto

Orei para chegar este momento
E pus a minha fé nesta poesia:
Espero aqui sentir tanta alegria
Que o texto fique bom, conforme invento.

É certo que ninguém aqui daria
Ideia diferente de um tormento.
Ao menos é o que penso, enquanto aguento
Esta pressão enorme que me guia.

É benfazejo o mestre e me garante
Que vou elaborar a minha rima,
De sorte a progredir, seguindo avante.

E tudo o que fizer eu sei que anima
O meu leitor terreno, pois adiante
Estou um passo só da pantomima.

138. *Verbi gratia*

Estranha o meu amigo a redação
Dos textos que disponho alegremente?
Pois saiba que mantenho a minha mente
Alerta e bem disposta p'ra escansão.

Nem sempre quem verseja aqui presente
Que exista nos leitores reação
De afeto e simpatia, pois terão
Um verso muito tosco e deficiente.

Consigo demonstrar minha lisura,
Nas linhas que perpasso sem grandeza?
Pois saibam que desejo seja pura

A ideia que despacho junto à mesa:
Que pode conseguir a criatura
Que teme de enfrentar esta proeza?

139. Neófito atrevido

Espero terminar o texto em prosa,
A fim de expor o tema que me anima.
Talvez nem sempre tenha a melhor rima,
Mas sempre hei de encerrar a minha glosa.

Aos poucos, quem nos lê vai tendo estima
Por quantos cá lhes dão algo que entrosa
Os campos da existência, esta preciosa
Análise vital que o bem sublima.

Não tenho muito jeito p'ra poesia,
No entanto vou compondo em harmonia
Co' o sentimento irmão que mais me atrai.

Os termos não se ajustam, eu bem sei,
Mas cumpro os tais artigos de uma lei
Que obriga a agradecer o amor do Pai.

140. Vem que tem

Disseram-me que a vida continua,
Mas duvidei do fato, estando vivo.
Deveras, tinha senso negativo,
Julgando que a matéria era bem crua.

Agora, sinto o mesmo, mas ativo
A inteligência que ficou mais nua:
Enquanto o pobre amigo bufa e sua,
Eu venho para abrir meu triste arquivo.

Sustento a independência desta crítica,
Mas sigo da *Escolinha* a tal política
De elaborar mensagem de proveito.

Bem sei que o belo aqui é desprezado,
Que importa é não deixar jamais de lado
O que faz do escolhido ser eleito.

141. Diferença substancial

Navego pelos mares da poesia,
Água fazendo o barco aos borbotões.
Mas como não mostrar graves senões
Aquele que rimar não pretendia?!

Fazer poesia, então, como Camões,
É mérito supremo da harmonia
Do espírito que estuda e que recria,
Em fórmula gentil, as emoções.

No etéreo, a restrição ao belo afeta
O estilo terrenal deste poeta,
Que envaidecia o ego pelo gabo

Do público fiel que me estimava,
Mas que tornava dele a alma escrava,
A ponto de comer pão do diabo.

142. Despretensioso

Um pouco de poesia já me anima:
Alguns versinhos tolos todo dia,
No entanto, bem pior aqui seria,
Se me calhasse sempre a mesma rima.

Mas o leitor humano, eu sei, confia
Que um dia hei de trazer uma obra-prima,
Alguma coisa que o prazer sublima
De estar nesta leitura em alegria.

Por isso é que treinamos com denodo,
Sabendo que ao criar o nosso verso
Teremos de entregá-lo sem engodo,

Mostrando quanto mais está perverso,
Que o quadro das ideias, como um todo,
Encaixa-se perfeito no universo...

143. Sem deixar saudade

“Rastejo pelas sendas da impostura”,
Pensava, enquanto lia o meu poema.
Ocorre que mostrei um só problema,
Deixando a multidão que exige cura.

Também não foi assim de forma extrema
Que me acusei de dolo, pois me atura
A turma que me ajuda e que se apura,
Se pinto, neste verso, o estratagema.

Bem sei que meu tormento irá findar,
Assim que despedir-me deste lar,
Pois estarei bem perto do sucesso.

É que o poema entrego em harmonia,
Sabendo que melhor eu não faria:
Por isso é que perdão aqui lhes peço...

144. À guisa de despedida

São doze dúzias já destes poemas,
Quantia que preenche este caderno.
Ficando a repetir eu me prosterno,
Porquanto aumento apenas os problemas.

Encerro, pois, o ciclo destes temas,
Que mais seria verdadeiro inferno.
A aspiração do amor real, eterno,
Ó coração audaz, eu sei que extremas.

Assim, muito obrigado ao bom leitor,
Que nos seguiu com fé no nosso amor
E agora vai em frente em seu caminho.

Abraços eu lhes deixo, comovido,
Rogando que Jesus nos dê ouvido,
Na prece murmurada com carinho.